

Bagdad

Segundo escrevem os persios e arabios no seu Larigh, o qual temos em nosso poder, em lingua persia, foi esta cidade de Bagdad fundada por conselho de um astrologo gentio, por nome Nobach, e tem por ascendente o signo Sagittario; acabou-se em quatro annos, e custou dezoito contos de oiro, da qual em nossa geographia faremos maior relação.

João de Barros — Decada I. C. V.

Ha quem supponha ainda esta cidade povoada de memorias da grande epocha em que o poderio dos califas se cobriu de gloria; e que a cada passo encontrará no seu recinto alguns restos das maravilhas da era famosa do islamismo, que avivem as reminiscencias dos contos de Cheherazad, ou os portentos das *Mil e uma Noites*. E comtudo, Bagdad está em completa decadencia. Debaixo de espessas camadas de pó estão sotterrados os fundamentos dos alterosos edificios onde apenas são visiveis os traços de Harun-el-Rechid e de Zobeideh. Aqui e alli se descobrem, nos angulos dos bazares, na margem do Tigre, no meio de ruinas que tem perdido o nome, pannos de muros em que se lêem com difficuldade fragmentos de inscripções coficas; um minarete cuja origem e antiguidade está patente na sua propria ruina, e alguns restos do portal esmaltado, cujos mosaicos sobresaem por entre as roturas da alvenaria, sem que os turcos se importem com o desapparecimento d'estes testimunhos de uma civilisação rival da de Byzancio.

A excepção d'estes raros fragmentos, em vão se revolverá o pó accumulado em Bagdad. Podé-se dizer que esta grande cidade não tem conservado nada que recorde os seus gloriosos califas. Debalde se procuram os velhos templos mahometanos, onde os fanaticos Abassidas pediam ao propheta que lhes retemperasse a cimitarra antes de se abalançarem a novas e barbaras conquistas. Se estes vestigios do Islam não estão inteiramente apagados em Bagdad,

são comtudo muito incertos, e de tal modo perdidos entre os montes de ruinas d'esta nobre cidade, que só a lembrança do passado ficou de pé ao lado da devastação do presente.

Os onze seculos volvidos depois da sua fundação por Abu-Safer-el-Mansor; as guerras successivas; as invasões dos turcomanos rebeldes á auctoridade dos califas; as inundações do Tigre, e até as tempestades do deserto, tudo tem contribuido para a destruição dos esplendidos edificios com que a civilisação arabe e a fé exaltada tinham dotado esta soberba rainha do Oriente.

Hoje o viajante deve renunciar as suas illusões ácerca de Bagdad. Contente-se de achar alli a cidade moderna, de ver as suas novas mesquitas, e as suas artes, que tem alguma analogia com as da Persia. Ahi achará com que alimentar a sua curiosidade, se não com que excitar a sua admiração. O rio arabe, o bello ceo da Mesopotamia, que reflecte o seu purissimo azul no vidrado das cúpulas, varias mesquitas, bazares pittorescos, affluencia exotica de quasi todas as nações do Oriente, lhe offerecerão ainda hoje assás de quadros attractivos para que Bagdad lhe fique na lembrança.

Bagdad tem aspecto de uma grandiosa cidade, e, de longe, os seus minaretes a distinguem na immensidade do deserto que a cerca, e onde ella está situada como um oásis.

Do lado do Oriente é fechada por um vasto cinto de muralhas em bom estado, que protegem alguns bastiões, e um largo fosso facilmente submersivel pelas aguas do Tigre. Este cinto apoia-se nas duas extremidades da margem do rio que banha a parte occidental da cidade. É d'este lado que Bagdad se mostra sob o seu mais bello aspecto.

O palacio do baçhá, as mesquitas, os cafés, as casas em que os jardins se encadeiam mirando as aguas que os banham, formam um delicioso panorama. Por detraz d'esta linha de edificios, ou de casas, ao pé das quaes corre o Tigre, se agrupam diversos bairros da cidade, atravez dos quaes circulam innumeraveis ruas, grandes bazares, e se erguem varias mesquitas.

A mais notavel é de Ahmet-Khiaia, que a nossa estampa representa, toda revestida de ladrilho esmaltado, formando graciosos arabescos, com as mais vivas e lindas côres. Está esta mesquita levantada n'uma amplissima praça, sobre a qual se abrem grandes cafés, lojas, e vendas. E porque é o mercado diario, como quem diz entre nós a praça da Figueira, logo pela manhã está apinhada de arabes que vem vender gallinhas, ovos, frutas e todos os generos costumados. É tambem alli o ponto da chegada e da partida das caravanas do Norte; os seus innumeraveis camelos e mulas ahi descarregam os pesadissimos fardos, esperando pelos que hão de transportar para a Asia Menor.

Perto d'esta praça fica a porta Bab-el-Khadem, e ao lado d'ella ha uma pequena mesquita, cuja entrada é notavel pelo portico de ogiva ornado de desenhos em relevo compostos de pedacinhos de tijolo, cuja disposição fórma uma especie de bordados graciosos. Por cima tem um alpendre de madeira que abriga este portal dos raios verticaes do sol.

A parte da cidade comprehendida entre o Tigre e a muralha é mui vasta; mas falta-lhe muito para estar povoada de casas. A léste e ao sul espraiam-se grandes campos, nos quaes ha muitas ruinas, e cuja maior superficie está inculta e serve para pasto dos camelos. Em volta ha grande numero de tumulos modestos, cujos ladrilhos apenas excedem alguns centimetros o nivel do chão.

Pelo comprimento do recinto fortificado de Bagdad, que data dos califas, é que se vê bem a grande importancia que outr'ora teve esta cidade.

A sua actual população anda por cincoenta mil habitantes, entre os quaes ha grande numero de christãos de diversas communhões, e muitos judeus.

N'esta cidade está o tumulo do propheta Ezequiel.

Bagdad é capital de um bachalato de primeira ordem pertencente á Turquia. Comprehende o seu territorio a antiga Mesopotamia, tão celebre pelas cidades e acontecimentos de que resa a historia sagrada.

CHAFARIZ DEL-REI

(Conclusão. Vid. pag. 177)

O que até aqui temos referido sobre a antiguidade d'este chafariz affonsino, foi, como já declarámos, tirado do archivo da camara de Lisboa, administradora das aguas da cidade. Agora ouçamos o que se lê n'um precioso codice, manuscripto do seculo XVI, onde estão summariadas as grandezas de Lisboa, com uma estatistica de todas as rendas, gastos, industria e commercio d'esta cidade. Não tem titulo nem data, mas pela referencia de um dos capitulos, conhece-se que foi feito na erà de 1552, um anno depois d'aquelle em que de egual tarefa foi encarregado Christovão Rodrigues de Oliveira, trabalho que imprimiu annos depois. E não se póde confundir este auctor com o do *Summario*, porque o do codice diz no prologo a Sua Alteza (D. João III) *que era escudeiro fidalgo da sua casa, e rendeiro das suas rendas, em as quaes* (acrescenta) *tenho feito mui grandes serviços n'esta cidade*. Christovão Rodrigues era apenas guarda-roupa do arcebispo de Lisboa.

Eis-aqui, pois, o que o auctor do codice nos diz no capitulo das aguas, desempeçado dos breves e da orthographia barbara em que está escripto:

«Outra coisa ha a dita cidade, mui grande, mas de que se faz mui pouco caso. E bem olhado parece ser coisa lançada n'ella por promissão divina, porque sem ella não seria Lisboa edificada no logar em que é, nem fôra em tanto crescimento.

Digo que n'ella ha dez casas d'agua, nas quaes nasce tanta, que estando em terra alta e de quêda, poderia moer oito azenhas roqueiras; e de mais admiração é estarem todas a um tiro de bésta. Porque o chafariz de V. A., do qual correm seis canos quotidianamente, tem agua que, vindo do alto, moeria duas azenhas roqueiras. E logo a um tiro de pedra, ha um lago e casa d'agua onde de continuo ensabôam muitas mulheres; e é tanta que mui bem moeriam n'ellas trez azenhas roqueiras. A qual agua tem adiante tanques onde se lavam muitos coiros e lãs. E logo além d'esta agua estão sete ou oito casas, nas quaes todas nasce agua, e com as atraz são por todas dez. E ha n'ellas 30 pellames de curtir coiros. E d'estas sete casas que digo, sáe tamanho golpe d'agua, que poderá moer outras duas azenhas roqueiras, tendo quêda; e d'ahi a 30 passos sáe das mesmas casas outro golpe d'agua, que poderá moer outras duas azenhas. E logo 50 covados adiante está o chafariz dos Cavallos, d'onde se provê muita parte da cidade; e é a agua tanta, que dentro da casa em que nasce está um lago onde de continuo lavam 50 mulheres. E logo arriba vem outro cano que sáe ao chafariz, onde bebem muitos bois e bestas que se trazem dos arrabaldes. E logo além está outro cano que vem a uma fonte pegada ao chafariz, d'onde levam agua para as casas, cada dia dois a tres mil potes; de maneira que as aguas perdidas que vão ao mar, poderiam moer de continuo duas azenhas, porque são aguas nadiveis, da maneira sobredita, as quaes tendo quêdas, poderiam moer

mui bem nove azenhas roqueiras, como tenho dito.

E além d'estas aguas referidas, ha um cano, que sem cair no chafariz, sáe por um canal fóra á rua, d'onde se provêem as naus e armadas de Guiné, India, e outras partes, sem fazerem mais que chegar a pipa com funil ao cano, e se vêem cheias n'um credo 2 pipas. E segundo calcúlo, das armadas, naus e navios, se enchem cada anno 3:000 pipas, o que é grande reparo de muitas necessidades. Além d'estas aguas, logo arriba, está um chafariz que se chama de Bom-boquel, que tambem tem muita agua, e me parece não ha cidade de tanta agua como esta.

Dar conta das mais aguas que ha na dita cidade o farei quanto meu juizo alcançar. E digo que as mais fontes e poços de que pude saber são, que detraz do chafariz de V. A. está um poço de que se vende agua em uma casa que foi do thesoureiro da cidade, cada dia 300 potes, ás vezes mais e outras menos. E logo um tiro de pedra abaixo das casas do conde de Linhares, em uma loja, está outro poço, d'onde tambem se vende agua muito fria e boa, da qualidade da do chafariz. E debaixo das casas de Francisco Corrêa está uma fonte do concelho, afóra um poço que tem o conde de Portalegre, e outro Francisco Corrêa nas suas casas. E indo mais para baixo, na entrada de Ferraria, que ha por nome Ver-o-pêso, estão duas casas que tem dois poços muito bons, e de boa agua, dos quaes vendem cada dia seus donos 100 a 200 réis, e ás vezes mais, sem embargo que todos os baixos das mais casas tem poços. E mais ao diante, na rua Nova, estão quatro poços de agua muito boa, de que se abastece muita gente d'aquella rua e visinhança. Tambem ha um poço que se chama da Fotéa, de 15 palmos de largo, e 30 em redondo, que tambem é de muito boa agua. E mais adiante, na mesma rua Nova, abaixo de Nossa Senhora d'Oliveira, está um chafariz muito grande, e de muita serventia ao povo, d'onde se leva agua para fornos de cal, e muitas obras de alvenaria que se fazem na cidade.

E junto dos poços de V. A., na Ribeira, está outra fonte, a qual é tambem grande serventia da cidade.

E adiante onde chamam as Fangas da Farinha, quasi todas as casas tem poços d'agua; e pegado aos tanoeiros está outro poço muito grande, e ao arco de Manoel Corte-Real está outro com muita agua, que tem pias dentro onde lavam muita roupa: e junto d'elle está outro poço do concelho muito grande a Cata-que-faraz. E passando á egreja de S. Pedro Gonçalves, estão outros tres poços muito grandes, onde ha apparelho de lavar roupa; e d'ahi para baixo todas as mais casas tem poços nas lojas.

Além dos nomeados está o poço do Chão, que é grande, e de muita agua, e pelas lojas pegadas ha muitos poços d'agua. E o do Borratem, a S. Matheus, que é de grandissima agua e boa. E o poço do chafariz dos Cavallos da rua Nova, digo, do Rocio, que de continuo tem o chafariz cheio, que é grande nobreza da terra ser bem abastada d'agua.

Direi o que mais me cabe dizer, pois tenho a mão mettida n'agua. Por me parecer razão o não quero calar; e digo que á minha noticia veiu que os vereadores d'esta cidade querem ora trazer a agua sobeja do chafariz dos Cavallos, por canos, defronte das casas de Francisco Corrêa; e alli fazerem dois chafarizes muito honrados, para que todo o povo se sirva d'elles; o que certo seria grande nobreza da cidade.

Agora digo eu mais, que parece consciencia deixar perder a agua, que váe ao mar, dos chafarizes dos Cavallos e de El-Rei, e das mais fontes; antes se deviam aproveitar e repartir as aguas acima ditas, deixando as necessarias que boamente bastassem. E que na casa do chafariz dos Cavallos não lavassem mulheres, tomando-se alguma parte d'ella, e do chafariz, para que se não perdesse; deixar a outra e dar maneira como a levantassem quanto ella quizesse, para que uma e outra se podesse trazer a cano. A agua do chafariz de El-Rei, se fosse possivel, não se devia perder a que se perde; e que os canos se ajuntassem, e se ergnessem mais, para se tomar a agua perdida que sobejasse do chafariz novo que querem levantar; e fazer-lhe sumidoiros ao pé, e que viesse por canos ao terreiro do Paço, onde se póde fazer um chafariz muito honrado; e quando não a quizessem levar lá, podiam chegar com esta agua ás costas da Alfandega, e tirar d'alli o peixe.

E o que me faz dizer isto, é porque as aguas vem ao sopé pelo rio abaixo, e como vem pelo rio, assim podem vir por terra até Cata-que-faraz, sem se perder agua nenhuma. Isto ennobrecia a cidade e reino, porque a honra da cidade é do reino. O que não sei dizer como entendo, V. A. o receba com esta tenção: e se o cumprir não fallecerá quem o diga. Eu digo isto, senhor, pelos desejos que tenho da honra e nobreza da cidade de Lisboa, porque no terreiro do Paço, no cáes que dizem que V. A. manda fazer, não pareceria mal um chafariz, porque da agua que sobejasse podiam-se prover muitos bateis.

E se n'isto algum tanto me alarguei, digo minha culpa, por metter-me no que não é de meu officio.»

Este capitulo é dos mais curiosos que temos achado para a historia e topographia de Lisboa velha. E tanto que ha n'elle designação de sitios e logares, que só com muita averiguação se podem hoje apontar.

Quando tratarmos dos chafarizes da Praia e de Dentro, circumvisinhos, tentaremos esse estudo.

O que, porém, se vê d'este inédito de 1552, é que o chafariz del-Rei era ainda o mais consideravel e o mais antigo de Lisboa.

HYGIENE

É um erro prejudicialissimo, e, por desgraça, mui commum, pretender-se que logo, em tenra edade, principiem as crianças a aprender as primeiras letras.

Ninguem ha que ignore as funestas consequencias que resultam do exercicio prematuro e immoderado dos diversos orgãos; e, todavia, o cerebro é tratado como se fizesse excepção á regra geral!

Todas as leis que governam a economia animal são violadas a respeito d'este orgão, o mais complicado, o mais sujeito a desarranjos, e, sob muitos respeitos, o mais importante de todos.

E, permittindo-se a entrada d'estas crianças nas escholas ordinarias, poderá julgar-se que se promove o ensino? Em nossa opinião é um grande obstaculo, para a sua prosperidade, esta liberdade illimitada na admissão.

Certo que a concurrencia de meninos de tenra edade prejudica aos maiores de sete annos, pelos cuidados especiaes que aquelles necessitam, e pela differente disciplina a que estes podem e devem estar sujeitos.

A educação de uma criança, que ainda não attingiu os sete annos, deve ser principalmente, por não dizer inteiramente, physica e moral.

Inspire-se-lhe aborrecimento a todo o genero de vicios, e conceda-se-lhe o mais livre movimento.

Em vez de reprimir-lhe os gritos, as risadas, todos as demonstrações de innocente alegria, deve animar-se esta expansão tão natural d'aquella edade. São válvulas, para assim dizer, por onde se escapa esta superabundancia de vivacidade inherente á infancia.

R. DE GUSMÃO.

MEXICO

Quem diria que os mexicanos, tres seculos e meio depois de terem perdido a independencia e a liberdade, pela perfidia e destreza das tropas de um archiduque de Austria, Carlos v, haviam de pedir para seu monarcha outro archiduque de Austria!

Pois este phenomeno estâmos presenciando.

Cançados da lucta continua das prepotencias e cobiça do governo republicano, que adoptaram pouco depois de terem sacudido o jugo da Hespanha em 1822, intentam agora restaurar a monarchia, na mesma stirpe que os captivou!

Isto só lhes reprehendemos, que em fundarem a monarchia constitucional bem avisados andam; porque entre tantas republicas da America vêem só florescer, em paz e prosperidade, o bemaventurado imperio do Brasil.

A expedição de tres potencias alliadas, Inglaterra, França e Hespanha, que ora está ancorada nas aguas de Vera Cruz, demandando uma satisfação pelos insultos que a republica fez aos agentes diplomaticos d'estas nações; e juntamente o convite d'aquelles republicanos ao archiduque Maximiliano de Austria para seu imperador, tornam hoje, não só interessantes, mas necessarias as noticias do Mexico.

São muitos os escriptos ácerca d'este excellente paiz, nomeadamente de Antonio Solis, Prevost, Raynal, Bernal Dias del Castillo, Herrera, Robertson, Clavigero, Humboldt, e lord Kingsborough na sua famosa obra: *Antiquites of Mexico*, em 7 vol. de folio magno, com estampas coloridas, edição que custa 175 libras esterllinas.

Em portuguez temos a *Historia da Conquista do Mexico*, por J. A. Clementino Maciel, e a *Historia do descobrimento e conquista do imperio Mexicano*, por Antonio Vicente Dellanave.

Vamos dar a nossos leitores alguns desenhos do Mexico, e para acompanhar o d'este numero, faremos a resenha do estado da capital d'aquelle poderoso imperio, quando Fernando Cortez o conquistou, em 1519, chrismando-o com o nome de Nova Hespanha.

A grande cidade do Mexico, que foi conhecida em sua antiguidade pelo nome de Tenuchtilan, teria n'aquelle tempo sessenta mil familias. Era repartida em dois bairros, um dos quaes se chamava Tlateluco, habitação de gente popular, e o outro Mexico, que deu o seu nome a toda a cidade, por ser a residencia da corte e da nobreza.

Estava fundada em uma planicie mui espaçosa, cercada por todas as partes de altas montanhas, das quaes desciam muitos rios, que, demorando-se pelo valle, formavam differentes lagoas, e no mais profundo, os dois lagos maiores occupados pela nação mexicana com mais de cincoenta povoações. Teria este pequeno mar trinta legoas de circunferencia; e os dois lagos que o formavam, se uniam e communicavam entre si por um dique de pedra que os dividia, reservando algumas aberturas com pontes de madeira, ao lado das quaes havia umas como portas levadiças para encher o lago inferior, quando necessitavam soccorrer a falta de um com a abundancia do outro. Era o mais alto de agua doce e clara, onde se achavam alguns peixes de agradavel sabor, e o outro de agua salgada e escura, similhante á do mar largo; não porque fossem de outra qualidade as nascentes de que se alimentava, mas pela qualidade de terra onde se detinham, grossa e salitrosa por aquella parte, mas de grande utilidade para fabricar o sal, que manufacturavam nas lezirias, purificando-o ao sol, e adelgaçando ao fogo as espumas e superfluidades que lançava o refluxo.

Quasi no meio da lagoa salgada estava fundada a cidade do Mexico, cuja situação se apartava da linha equinoccial para o norte dezenove graus e treze minutos, dentro da zona torrida, que os antigos julgaram inhabitavel! Era o clima benigno e saudavel, o calor e o frio moderados; e a humidade, que pela natureza do sitio podia damnificar a saude, era temperada com o favor dos ventos, ou modificada com o calor benefico do sol.

Communicava-se esta cidade com a terra por seus diques, ou calçadas principaes; obra sumptuosa, util e agradavel; uma das calçadas (por onde entraram os hespanhoes), tinha duas legoas de comprimento para a parte do sul, uma para o norte, e outra, pouco mais pequena, para a parte do occidente. Eram as ruas bem niveladas e largas, umas cortadas de regatos com suas pontes para a communicação dos moradores, outras só de terra, algumas de agua, ladeadas de terra para a passagem da gente, e o meio para serventia das canôas que navegavam pela cidade. Era immenso o numero d'ellas, além de outras embarcações pequenas, feitas de um tronco a que chamavam acates, que accommodavam um só remador.

Os edificios publicos e casas dos nobres, de que se compunha a maior parte da cidade, eram de pedra, e bem construidos; as que habitava o povo, baixas e deseguaes, mas umas e outras em tal disposição que desembocavam em differentes praças de terrapleno, onde faziam suas feiras.

Entre todas as praças era de admiravel capacidade e concurso a de Tlateluco; á feira que ahi se fazia concorriam, em certos dias do anno, todos os mercadores do reino com o mais precioso de suas frutas e manufacturas, em tanto numero, que sendo esta praça uma das maiores do mundo, enchia-se de barracas arruadas, e tão unidas que apenas deixavam logar para os compradores. Havia n'esta feira ruas de ourives, onde se vendiam joias e cadeias extraordinarias, muitas peças imitando animaes, vasos de oiro e prata primorosamente lavrados, e outras peças da mesma especie, em que se viam molduras e relevos sem que se conhecesse o impulso do martello, nem o golpe do cinzel. Havia ruas de pintores, com raras idéas e paizes feitos de pennas de varias côres. Traziam tambem a esta feira quantos generos de tela se fabricavam n'aquelle reino para differentes usos, feitas de algodão e de pello de coelho, que delicadamente fiavam as mulheres, inimigas n'aquella terra da ociosidade. Eram dignos de reparo os vasos e outras loiças de finissimo barro que punham á venda, differentes na côr e fragrancia; d'aquella materia faziam quantas peças e vasilhas são necessarias para o serviço e adorno de uma casa, porque não usavam de oiro ou prata, profusão que só era permittida na mesa real, e isto nos dias de maior gala. Achavam-se com a mesma distribuição e abundancia os mantimentos, as frutas, o peixe, e finalmente quantas coisas fez vendaveis o deleite e a necessidade. Faziam-se as compras e vendas por via de permutação, dando cada um o que lhe sobrava pelo que havia mister. O maiz ou o cacau servia de moeda para as coisas menores. Não se governavam pelo peso, nem o conheciam, mas tinham differentes medidas com que distinguir as quantidades, e seus numeros ou caracteres para regular os preços segundo as taxas.

Tinham na praça uma casa para os juizes do commercio, em cujo tribunal se decidiam as differenças dos negociantes com os ministros inferiores que andavam vigiando a egualdade dos contratos, e levavam ao tribunal as causas de fraude ou excesso que mereciam castigo.

Admiraram os hespanhoes a grandeza d'esta feira, pela sua abundancia, variedade e boa ordem com

que se conservava, attendendo á grande multidão de concorrentes. Apparato maravilhoso, em que se via de uma vez a grandeza e policia d'aquella corte.

Os templos sobresaíam sumptuosamente sobre os outros edificios; e o maior, onde residia o chefe dos seus sacerdotes, era dedicado ao idolo Viztzilipuztli, que significa em seu idioma, deus da guerra, e o contemplavam pelo supremo dos deuses, primazia que dá a conhecer quanto aquella nação se prezava de guerreira.

A primeira entrada d'este templo era uma grande praça rodeada de muralha, onde pela parte de fóra se viam lavradas, com alguma symetria, muitas cobras entrelaçadas, o que dava um aspecto horroroso ao portico.

Havia, antes de chegar á porta principal, uma especie de logar de oração não menos horroroso. Era este de pedra, com trinta degraus, no cimo dos quaes havia um largo assás grande, plantado de arvores dispostas em fileira: tinham estas arvores buracos em egual distancia uns dos outros, por onde passavam de umas para outras differentes varas, e n'ellas enfiadas pelas pontas algumas caveiras de homens sacrificados, cujo numero (o que se não póde referir sem horror) era sempre o mesmo, pelo cuidado que n'isso tinham os ministros do templo, de substituir ás arruinadas outras dos recem-sacrificados; lastimoso tropheu, em que se patenteava bem a superstição d'aquella gente.

Tinha a praça quatro portas correspondentes, e outras tantas faces voltadas para os quatro ventos principaes; no cimo de cada porta havia uma estatua de pedra, que indicava o caminho, como despedindo os que se aproximavam mal dispostos; e tinha sua presumpção de deus secundario, pois recebia algumas adorações á entrada. Pela parte interior da muralha se descobriam as habitações dos sacerdotes, com algumas officinas que occupavam todo o



Praça da Constituição em Chihuahua, no Mexico.

ambito da praça, sem estorvar o quadro, deixando-a tão espaçosa, que costumavam dançar n'ella oito a dez mil pessoas, quando se juntavam a celebrar as suas festividades.

Occupava o centro uma tão grande pyramide, que sobrelevava as torres da cidade, com escadas por um dos lados, edificio sumptuoso, cujo pavimento, coberto de varios jaspes, guarnecia por todas as partes um parapeito com suas setteiras retorcidas á maneira de caracóes, formado por ambas as faces de umas pedras pretas, postas com symetria e betumadas de branco e roxo, o que adornava muito o edificio.

Sobre a divisão do parapeito, onde terminava a escada, estavam duas estatuas de marmore que sustentavam uns grandes candieiros de extraordinario feitio; mais adiante uma grande pedra verde (que chamavam dos sacrificios) de altura de cinco palmos, levantada ao alto, onde seguravam pelas costas o miseravel que haviam de sacrificar, para lhe tirar o coração pelo peito; e na frente havia uma capella coberta de madeiras preciosas, onde tinham o idolo n'um altar mui alto, por traz de cortinas. Era de figura humana, estava sentado em cadeira firmada sobre um globo, de cujos lados saíam quatro varas rematando na figura de cabeça de serpente, a que applicavam os hombros quando n'um andor o mostravam ao povo. Tinha na cabeça um pennacho de varias pennas, em fórma de passaro, com o bico e crista de oiro brunido e mui afiado, com duas faxas azues, uma sobre a testa, e outra sobre o nariz. Tinha na mão direita uma cobra por bastão, e na esquerda quatro settas e uma rodela com cinco pennas brancas. A respeito d'este adorno, e da significação de taes insignias e côres, proferiam singulares desvarios.

Ao lado esquerdo d'esta capella estava outra do mesmo feitio, com um idolo que denominavam Tlaloch, em tudo similhante a seu companheiro. Acreditavam que eram irmãos, e tão amigos que dividiam entre si os espolios da guerra. Julgavam-nos eguaes no poder e uniformes na vontade; por cujo motivo recorriam a ambos com uma victima, e com os mesmos rogos, agradecendo-lhe o successo, e tendo em equilibrio a devoção.

O ornato de ambas as capellas era de estimavel valor; as paredes e altares estavam cobertos de joias e pedras preciosas; d'este genero e opulencia havia outros templos na cidade, sendo os menores a estes, mais de dois mil, onde se adoravam outros tantos

idolos, differentes em nome, figura e devoção. Não havia rua sem seu nicho e deus tutelar, nem se conhecia calamidade, entre as pensões da natureza, que não tivesse altar onde recorrer para o remedio. Fingiam e fabricavam estes deuses do mesmo temor que os possuia, sem conhecer que enfraqueciam o poder de uns com o muito que n'outros confiavam.

TANGER

(Conclusão. Vid. pag. 398)

Prevaleceu o voto dos que não consentiam se trocasse uma vida, pela cidade que tantas havia custado á coroa portugueza, e o proprio captivo recusou a liberdade por tal preço.

Todas as transacções propostas para resgatar o infante D. Fernando foram baldadas. Seu irmão, el-rei D. Duarte, morreu de desgosto n'este mesmo anno de 1438; o desgraçado infante foi levado para as masmorras de Fez, e ahi se finou em 1443.

Depois, D. Affonso v, cognominado o *Africano* pelas suas conquistas n'esta parte do mundo, passou o estreito com uma poderosa armada para vingar a morte affrontosa de seu tio. Tomou á escala vista a inexpugnavel Arzilla, e assenhoreou-se de Tanger.

Desde este anno, 1471, até ao de 1661 em que démos esta cidade á Gran-Bretanha, a titulo de dote da infanta D. Catharina, filha de D. João iv, para casar com Carlos ii de Inglaterra, foi Tanger a mais perigosa eschola da nossa milicia. Estão cheias as chronicas nacionaes e estrangeiras dos combates que os portuguezes deram á moirisma, que nunca deixou, no longo periodo dos 190 annos da nossa occupação, de nos disputar os logares de Africa que haviamos conquistado.

Finalmente, para podêrmos resistir á cubiça e furia das armas de Castella, depois da gloriosa restauração de 1640, tivemos de comprar a alliança de Inglaterra com a da ilha de Ceylão, a Taprobana do nosso Camões; á cidade de Tanger, e dois milhões de cruzados, que foi o dote da nossa infanta.

Os artigos d'este tratado de alliança e casamento, tocantes a Tanger, são os seguintes:

Art. 2.º — O senhor rei de Portugal, com consentimento e deliberação de seu conselho, dá, transfere, concede e confirma, pelo presente, aos reis da Grão-Bretanha, seus herdeiros e successores, para sempre, a cidade e fortaleza de Tangere, com todos seus direitos, proveitos, territorios e pertenças quaesquer; como tambem assim o util como o absoluto, inteiro e directo senhorio e governo soberano da mesma cidade e fortaleza, etc.

E accordou-se, que tanto que este tratado se assignar por el-rei da Grão-Bretanha, e o contrato de casamento entre o mesmo senhor rei e senhora infante se fizer *cum verbis de presentis*, o dito senhor rei mandará a Lisboa cinco naus de guerra (ou aquellas que lhe parecer), as quaes ahi receberão ordem para ir ao porto de Tangere, e ahi estarem, assim para levar o presidio, como para segurança do logar; e tanto que o governador da praça fizer saber que deu á execução as ordens del-rei de Portugal para a entrega dos ditos logares, e o dito tratado se ratificar e confirmar pelo senhor rei de Portugal, se fará saber, com a maior brevidade que ser podér, ao senhor rei da Grão-Bretanha, o qual mandará logo ao porto de Lisboa uma armada de doze naus de guerra, a qual dentro de quatro ou cinco dias, depois d'alli chegar, receberá ordens de ir com effeito receber e tomar posse da cidade e fortaleza de Tangere, com as mais premissas para uso do senhor rei da Grão-Bretanha.

Art. 3.º — Que todos os soldados, como quaesquer outros moradores da dita cidade e fortaleza de Tangere, quantos n'ella quizerem morar e residir, serão muito amigavelmente tratados, e se lhes permittirá livremente o exercicio da religião catholica romana; e se regularão e governarão debaixo do senhor rei da Grão-Bretanha em todas as causas civeis, e como povos subjeitos e subditos ao mesmo senhor rei e seu mandado, pelas mesmas leis e costumes até agora usados e approvados na dita cidade e fortaleza; porém os soldados ou outros moradores que quizerem tornar para Portugal, se lhes dará plena faculdade de vender e partirem todos seus bens; e depois serão conduzidos a Portugal, dando-lhes el-rei da Grão-Bretanha navios quando quer que os pedirem, juntamente com aquellas peças de artilheria em que a fortaleza de Tangere podér ficar sem desconto.

Art. 4.º — Tanto que a cidade de Tangere com a fortaleza e territorios forem com effeito entregues ao uso e posse do dito senhor rei da Grão-Bretanha, a armada tornará a Lisboa, aonde será na capitania recebida a senhora infanta, com aquellas demonstrações de alegria, signaes e ceremonias que serão decentes á excellencia e qualidades de sua pessoa.

Este tratado foi depois roborado pelo do congresso de Vienna, em 1815, e n'elle se estipulou que a Inglaterra cederia a Portugal o porto e cidade de Columbo, capital da ilha de Ceylão, quando d'ella tomasse posse, o que só conseguiu de todo pelo tratado de Amiens, em 1802.

Mas até hoje os senhores inglezes ainda se não dignaram cumprir esta condição do tratado de 1661.

Assim nos pagam termos-lhes dado os alicerces do seu actual poderio na India!

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

O correspondente, a cuja pergunta grammatical respondemos em o n. 43, pag. 342, insiste em que ha casos, a seu ver, que não admittem o verbo senão em numero singular, quando o sujeito for a locução *nem um nem outro*. E offerece este exemplo:

«Nem um nem outro *alcançou* o premio.»

«Se o premio for unico (acrescenta o nosso correspondente), não diz o bom senso que esta é a *unica* syntaxe que deve seguir-se?»

Pedimos-lhe permissão para advertir, que se trata exclusivamente da concordancia do *verbo* com o seu *sujeito*, portanto o *premio*, que é *complemento*, não entra na contenda.

Repetimos, pois, que a resposta que démos á pergunta feita a pag. 225 do n. 28, é fundada nos principios adoptados pelos melhores philologos nacionaes e estrangeiros; e que nos parece que ahi demonstrámos, não ser pela toada, mas pelo raciocinio, que umas vezes se conserva o verbo no singular, outras se leva ao plural, no exemplo apontado.

N'algumas grammaticas francezas, é verdade, vem esta opinião do nosso illustrado correspondente, porém nas de melhor nota não.

D'este modo satisfazemos á segunda parte da carta do nosso estudioso correspondente, transcripta a pag. 343.

A honra da mulher comparo eu á conta de algarismo; tanto erra quem errou em um como quem errou em mil.

Façam as honradas boas contas, que acharão esta conta certa.

D. FRANCISCO MANUEL.

AOS NOSSOS ASSIGNANTES

Terminando n'este numero o IV anno do *Archivo Pittoresco*, devemos juntar ao testimunho de agradecimento que prestâmos aqui aos auxiliares d'esta empreza, a protestação de que empregámos todos os esforços para satisfazer ao prospecto que desde o começo nos serve de norma, tanto na parte litteraria como na artistica.

O nosso primordial empenho foi nacionalisar este semanario, dando todo o realce ás nossas coisas, antigas e modernas, porque andando a litteratura portugueza ha annos tão afrancezada, o regeneral-a é dever de todo o escriptor patriotico.

Das 140 gravuras publicadas n'este volume, 63 são tiradas directamente dos monumentos originaes, pela photographia ou pelo lapis, e grande parte d'ellas inéditas. O peculio que já temos para o seguinte é ainda mais abundante e valioso.

Os artigos que por difficuldade de averiguações historicas, não se completaram n'este volume, serão cabalmente desenvolvidos no immediato.

O maior pezar que tivémos na tarefa d'este anno, foi não alcançar que se concluisse o mimoso romance do nosso amigo e collaborador Mendes Leal, extrahido das scenas da guerra peninsular, a *Menina de Val-de-mil*, romance que tanto tem agradado aos nossos assignantes e ao publico em geral.

Tinhamos concertado com o auctor não se começar a publicação da segunda parte de tão poética novella, sem estarem escriptos todos os capitulos. Ia a obra já perto do seu termo, quando o nosso eximio collaborador foi chamado, pelos seus meritos, aos conselhos da Corôa. Este encargo veiu tirar-lhe o pouco tempo que já tinha para dar aos estudos puramente litterarios; mas como, por mau fado, as cadeiras ministeriaes vagam tão a miude, o sr. Mendes Leal, n'uma obsequiosa carta que vamos transcrever, afiança aos assignantes do *Archivo*, que não deixará de recrear alguns lazeres que os negocios d'estado lhe consentirem, para repregar e enfeitar a sua «Menina de Val-de-mil», e trazel-a a este salão immenso da imprensa, pompeando galas, luzindo joias, enfeitiçando os olhos, e captivando os corações.

Eis a carta que á cortezia litteraria do actual ministro da Marinha e das Colonias devem os assignantes do *Archivo Pittoresco*.

Meu amigo. — Devo-lhe resposta a amaveis instancias; devo-lhe razão de uma promessa que por em quanto não posso cumprir.

Tinha já preparado não poucos estudos, e coordenadas as principaes notas, para rever e rematar a segunda serie da *Menina de Val-de-mil*, menina dos meus amores, confesso, e seja dito á boa parte. Já todos os capitulos estavam traçados, e alguns escriptos, para não demorar, como v. desejava, e eu acaso ainda mais, a publicação e conclusão d'esta obrinha, que não vale pelo que é, senão pelo que deseja ser. Apenas me tinha mão nas impaciencias o empenho de ultimar algumas averiguações, e de verificar algumas particularidades historicas, difficeis de apurar quando se inquirem devéras, como não ignora.

Hoje, sem quasi ainda saber como, sou obrigado por força maior a pôr, temporariamente, ponto n'essas occupações dilectas de annos e annos de lida, agora saudosa.

Considero-me um soldado destacado n'este posto, e n'elle impedido para qualquer outro commettimento, em quanto durar o serviço, que por circunstancias especiaes não consente distrahir de tantas coisas, que instam e se accumulam, o cuidado de todas as horas, e a attenção de todos os minutos.

Desculpe-me, pois, perante os seus asssignantes, intimos do meu pensamento, que é como se dissesse, amigos do meu coração. Exponha-lhes, como sabe expol-o, que me ausento por uns tempos, mal sei quantos, mas sem me despedir. Acrescente-lhes, que se este urgente e apertado trabalho me deixára lograr alguns ocios, gostosamente os empregára em favor que me foi sempre tão querido. Assevere-lhes, em fim, que abençoado será o dia em que me possa tornar com honra ao tráfego antigo, a continuar placidamente o amanho d'esse meu natural, bem que limitado, patrimonio.

Ainda assim, o que da obra está feito não ponho duvida em lh'o confiar, quando tiver algum intervallo para lhe correr a vista por cima, porque me desvaneço do officio que exercia, porque o tenho em conta e estimação da maior honra, porque a nenhum já agora posso ter egual apêgo e amor. A mais do que ao já escripto não me comprometto, porque o dever me está dizendo que o tempo não é já meu, e que, ainda tresdobrado, me será pouco para uma parte sequer do muito a que me incumbe applical-o.

Não acabaria de certo, se me fôra dado desafogar com quem ha tanto, e tão bem, me conhece e me entende. Cumpre-me porém violentar a alma para economisar instantes.

Adeus. Reserve-me o logar, que a sua amizade e a sympathica indulgencia dos nossos leitores, me haviam tornado deleitavel. Outro no mesmo caso deixei tambem reservado n'uma folha quotidiana, que me foi sempre egualmente benevola. Irei pedil-os em saindo d'aqui.

Adeus. Creia-me sempre, e de todo o coração.

S. C. Março 5, 1862. De v. etc.

MENDES LEAL.

Continuaremos a resolver, quanto soubermos, todas as duvidas grammaticaes que nos forem propostas, porque entendemos prestar n'este assumpto algum auxilio aos escriptores principiantes, na falta de uma grammatica nacional que determine qual a melhor syntaxe que em casos duvidosos se deve seguir.

Para este estudo consultaremos não só a auctoridade dos classicos, mas as regras já assentadas da philosophia grammatical das linguas congeneres da nossa.

Para a descripção das estampas dos paizes onde já dominámos, recorreremos aos nossos historiadores, e ás chronicas monasticas, não sómente porque são mui exactos, e optimos investigadores, sobretudo os missionarios, mas porque temos achado que alguns viajantes, maximè os inglezes, gente mais sisuda que o commum dos francezes, os copiam textualmente, mas quasi sempre sem os citarem, ou chamando-lhes «escriptores de Hespanha.»

Todas as pennas de bom aparo tem campo aberto n'estas paginas. Já o dissémos e repetimos.

Dos srs. A. Herculano — A. F. de Castilho — J. M. Latino Coelho — L. A. Rebello da Silva — J. de Andrade Corvo — L. A. Palmeirim — Thomaz de Carvalho — R. Paganino — I. de Vilhena Barbosa — J. Cesar Machado, e Julio Caldas (para os estudos da lingua materna), havemos sollicitado cooperação para o seguinte volume, auxilio que nenhum d'elles jámais deixou de nos prestar, durante a convivencia e amizade inquebrantavel de tantos annos.

A. DA SILVA TULLIO.

Explicação do enigma do numero 48

A alma é a grande maravilha do mundo

INDICE

(Os asteriscos antes da indicação das paginas designam gravuras)

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio.